

CAROLINA CAMARGO DE JESUS

POVO:

POTIGUARA - GUARABIRA, PARAÍBA

NASCIMENTO:

1983

FORMAÇÃO ESCOLAR:

MESTRADO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (PPGAS/MN/UFRJ)

HISTÓRIA DE VIDA

Sou Carolina Camargo de Jesus, remanescente do povo paraibano Potiguara. Minha avó, Áurea Moura de Camargo, é originária do mesmo povo, nascida e criada na região de Maciel, próximo à cidade de Guarabira na região da Paraíba, nordeste brasileiro, trabalhadora das roças de mandioca e das casas de farinha, um passado que marcou a minha trajetória de vida.

Motivada por minha mãe, fui estudar e fazer faculdade porque sonhava em ser professora. Com muito esforço, consegui concluir a graduação em História na UFF (RJ).

ESTUDOS

Durante a faculdade, fui levada pelos professores a debruçar-me sobre a realidade dos povos indígenas brasileiros e latino-americanos, principalmente sobre suas lutas, conflitos, memórias, patrimônios e conquistas.

Junto de indígenas de diversos povos indígenas brasileiros, fiz parte do grupo fundador do movimento social indígena urbano Aldeia Maracanã. Fui ajudando o grupo, composto por 17 etnias, a construir valores e dialogar com as Universidades do Estado do Rio de Janeiro, UFF, UERJ, Universidade Católica de Petrópolis (RJ), e também participei da criação do estatuto de duas associações indígenas construindo e desenvolvendo projetos educativos e culturais.

Com os saberes acadêmicos, mais os saberes tradicionais indígenas e os saberes transmitidos por meus avós, consegui escrever as muitas linhas da minha monografia, “O Canto do Tamoio”, e produzi um documentário, “O Retorno da Arara Amarela”, em

2009, que mostrou o processo de tomada do território pelos povos indígenas que se encontravam no Rio de Janeiro, ocupando espaços na cidade e reivindicando seus territórios no enfrentamento, disputa e diálogo com o Estado e suas políticas públicas, para que atendessem às populações indígenas e suas demandas. Eu tinha um grande interesse em documentar, registrar toda a movimentação que os indígenas estavam promovendo no espaço da cidade do Rio de Janeiro.

Hoje estão sendo valorizados os saberes tradicionais dos povos indígenas, por conta da introdução da lei 11.645/2008, que vem sendo aplicada em diversas instituições de ensino do Brasil, museus, centros culturais, escolas de educação básica, universidades etc.. Dentro deste contexto, estou atuando como educadora indígena através dos cursos para os quais sou convidada a oferecer palestras, e também nas oficinas e diálogos com governantes, atuando como educadora para que seja cumprida a lei acima citada.

Sob orientação do Professor Doutor Cezar Honorato, do Departamento de História da UFF, escrevi meu trabalho de final de curso e me interessei muito pelos movimentos de resistência à colonização. Em minha monografia, busquei demonstrar que a historiografia produzida sobre os povos indígenas do período da colonização não era suficiente para cobrir aquela totalidade. Ou seja, encontrei espaços vazios, porque com uma pesquisa baseada somente na perspectiva dos viajantes, cronistas e missionários do período do descobrimento, não era possível alcançar a realidade indígena daquela época. Buscando novos horizontes, fui pesquisar registros e vozes dos indígenas do período, mas encontrei muito pouco material. Procurei, no Movimento Indígena do Rio de Janeiro, lideranças indígenas como José Guajajara, Dona Lidia

Guarani, Cacique Darcy Tupã, Cacique Carlos Tukano, Cacique Pataxó, Dauá Puri, Pajé Tobi Itaúna, Pajé Sapaim Kamayurá, Caciques e Pajés Fulniô, entre outros, que juntos lutavam pela retomada dos territórios tradicionais e pela preservação da memória dos povos indígenas que habitaram o litoral do sudeste e do sul do Brasil.

A minha percepção da ancestralidade foi sendo despertada no primeiro contato com o grupo de indígenas que gritavam e organizavam reuniões sobre as ocupações que iriam ocorrer no espaço urbano. Lembro-me de uma força que me levava a estar dentro destas batalhas: eram os meus antepassados. Vivenciei isso durante as diversas cerimônias no espaço da Aldeia Maracanã e na Aldeia TEKOA MBOY TY ou “aldeia das sementes”, hoje Aldeia Ka’aguy Ovy Porã, em Maricá (RJ). Na presença dos pajés Guajajaras, lembro-me de ter vivenciado uma experiência mágica e própria da cultura indígena: o ritual da menina moça. Foi na Aldeia Maracanã, encantada e preenchida de histórias, que ganhei um nome indígena, Zawara Hu, “a filha da onça”, e, ao lado de diversas etnias e lideranças, lutei pela revitalização de um espaço de memória para os povos indígenas brasileiros.

Conviver com as lideranças indígenas que planejaram todo o processo de ocupação dos territórios com muita luta, foi importante para todos. De fato, os espaços foram ocupados com a presença indígena, seja em aldeamentos, como foi o caso de Cambinhas, seja no espaço da Aldeia Maracanã, reivindicando a revitalização de um patrimônio público que um dia abrigou a memória dos povos indígenas, como quando ali funcionou o S.P.I., e depois o antigo Museu do Índio. Estava aí presente, fazendo valer os direitos das populações indígenas, garantindo o justo

acesso e inserção destas populações que se encontravam no espaço urbano. Eu participei de todo o processo, desde o planejamento e a elaboração até a manutenção dos projetos que estavam sendo desenvolvidos. Saímos do silêncio, do isolamento. Estava presente ao lado de grandes líderes, ajudando a construir sonhos e a manter a articulação e movimentação do grupo composto por 17 etnias.

Em 2008, motivado pelas políticas públicas culturais que buscavam fomentar registros culturais para atender às necessidades dos diversos movimentos sociais do Rio de Janeiro, o GT de Cultura da Aldeia Maracanã decide se inscrever na chamada pública da Secretaria Estadual de Cultura, modalidade Registro de Tradição Oral. Fomos vitoriosos. A secretaria se interessou por nosso projeto, no qual fiquei responsável pela parte burocrática de inscrição e redação, e também participei no filme produzido intitulado “O Retorno da Arara Amarela”. Na obra foram registrados os cantos sagrados, as lendas e as vozes das lideranças que coordenavam o projeto, mais os anseios e expectativas do grupo de indígenas diante da forte ameaça de demolição do antigo prédio do Museu do Índio.

Acreditando no potencial da escola como um espaço libertador para os mais oprimidos, como bem escreveu Paulo Freire, uni os saberes adquiridos na universidade e os saberes indígenas e fui integrar o grupo de professores da Escola Indígena Amba Porã, dentro da aldeia indígena Guarani, no bairro de Camboinhas, em Niterói (RJ). Nesse espaço, ofereci aulas de Português, leitura em Português e História para as crianças e os jovens Guarani que demonstravam o interesse e a necessidade de vivenciar saberes e conhecimentos do universo do Juruá. A escola contava com o apoio institucional da Secretaria Municipal de Educação de Niterói, que fornecia alimentos, material didático e professores para suprir as

necessidades mais imediatas da comunidade Guarani, que havia ocupado o território em volta da lagoa de ITAIPU.

Ao longo do período em que estava na graduação, integrei projetos de pesquisa de autoria dos historiadores Ricardo Maranhão e Cláudio Kahs, acompanhei a equipe francesa que esteve no Brasil para roteirizar a produção cinematográfica “Vermelho Brasil”, ou “Rouge Brésil”. Além disso, em 2008 atuei na pesquisa de Ricardo Maranhão, realizando o levantamento de fontes sobre Pero Lopes de Souza em missão na América Portuguesa, para a produção do livro “Diário de bordo de Pero Lopes de Souza”.

Desde 2011, atuo com o grupo de pesquisadores do Programa de Pesquisas e Estudos das Religiões (PROEPER) - UERJ, no programa de estudos dos povos indígenas, contribuindo e apresentando a temática indígena em cursos, palestras e seminários coordenados pelas professoras Telma Simoni da Gama e Edna Maria dos Santos.

No momento de saída do grupo da Aldeia Maracanã, negociamos qual seria seu destino após o processo de desocupação. Muitos jovens indígenas oriundos das aldeias do Nordeste ficaram sem muitas perspectivas, por isso fomos em busca de parceria, e pedi apoio à Coordenação do Parque Lage, em diálogo com a diretora Cláudia Saldanha. Ela decidiu conceder aos indígenas bolsas de estudo dentro da Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Participei junto com outros parentes dos cursos de Teoria da Arte e Iniciação à Fotografia, entre outros. Foi um espaço que nos acolheu e expandiu nossos horizontes, permitindo que aquela juventude da Aldeia Maracanã pudesse permanecer na cidade e dar continuidade aos seus estudos e projetos.

Participei das assembleias de fundação da Associação Indígena Aldeia Maracanã (AIAM), na sede da fundação Darcy Ribeiro,

com a participação das etnias que vivenciaram todo o processo da Aldeia Maracanã. Com a orientação e afinação da advogada indigenista Hariessa Villas Bôas e do indigenista Tony Lotar, conseguimos fundar a Associação Indígena Aldeia Maracanã (AIAM), onde ocupo a função de Vice-presidente. Um dos nossos objetivos é cuidar e dar atendimento aos povos indígenas que vivem em contexto urbano na cidade do Rio de Janeiro. Atuo ao lado de grandes guerreiros como Eliane Potiguara, Afonso Apurinã, Daua Puri e outros guerreiros e guerreiras que têm como sonho comum criar o Centro de Referência da Cultura dos Povos Indígenas, na sede do antigo prédio do Museu do Índio – Aldeia Maracanã –, no RJ. Faço parte ainda da Rede Grumin de Mulheres Indígenas – RJ, junto com a Coordenadora Eliane Potiguara.

No ano de 2014, ao lado da professora Dinah Papi de Guimaraens, fui chamada para integrar o curso de Graduação do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFF, desenvolvendo o curso “Arquitetura Bioclimática”. Trabalhei na construção do “Canteiro Experimental” no espaço da UFF, oferecendo aulas e contribuindo para a criação de um curso de graduação que trabalhe com a questão indígena no espaço da universidade pública. Nesse mesmo contexto, o MEC e diversas universidades públicas de todo o Brasil debateram e incluíram a temática indígena como uma forma de saber no espaço acadêmico. Essas universidades inseriram em suas grades curriculares cursos de graduação, especializações e pós-graduação em Cultura e Educação Indígena, para que pudessem atender às necessidades dos indígenas e formar educadores, e atuarem nas salas de aulas e esferas institucionais

Levamos para a sala de aula os saberes e a utilização e manejo do sapê, do bambu, das casas de sopapo, junto com os povos

Kamaiurá, Aweti, Yawalapiti, sob a coordenação dos pajés Sapaim Kamaiurá e Ianaculá Rodarte. Levantamos a Oca Kamaiurá dentro do campus da praia vermelha da UFF, com o objetivo de tornar aquele espaço uma sala de aula para os alunos que estavam estudando e pesquisando sobre bioconstruções, com o uso do bambu, sapê, fibras vegetais, chão de terra, técnica do “adobe” (tijolo feito de barro) etc..

Infelizmente, nossa oca teve que ser removida do local por questões políticas. No entanto, continuamos acreditando nas construções dos povos indígenas como espaços de saber e encaminhamos a OCA HOK para o espaço da UNIRIO, para lá continuar a ser desenvolvido o curso de Arquitetura Bioclimática, sob coordenação da Professora Doutora Dinah Papi de Guimaraens e do Professor Doutor Zeca Ligieiro.

Sob a orientação da professora Dinah Papi de Guimaraens, organizamos seminários que debatiam a estética indígena, as manifestações culturais e as representações de patrimônio destas populações. Sempre com um olhar atento e cuidadoso, Dinah realizou toda a curadoria dos seminários ao lado de Duda Penteadó e Guilherme Werlang, ambos professores e artistas, no espaço do MAC, em Niterói, nos anos de 2014 e 2015. Como fruto desse trabalho, produzimos um livro, “A Estética Transcultural na Universidade Latino Americana”, publicado pela EDUFF. Esta produção contém um artigo de minha autoria: “Antes Ocas de Palha, hoje Teias de Concreto”, cuja temática trata dos indígenas em contexto urbano.

Em 2014, fui convidada pelas professoras Dinah e Norma Lima para integrar o grupo de professores que atuaria no curso de pós-graduação presencial na Universidade Católica de Petrópolis,

apresentando um programa de curso que trata da Matriz Étnica Indígena, abordando a lei 11.645-2008 e a aplicação dela na prática e no cotidiano escolar. À frente da turma de formação de professores do FUNCEFET – IPETEC, estimei os alunos a produzirem uma rica documentação sobre a experiência vivida por cada um na questão indígena. O Seminário de Pesquisa “Minha avó foi pega a laço” foi o tema proposto para a turma dissertar acerca da ancestralidade indígena vivida por muitos brasileiros. Como arte-educadora e contadora de histórias, desenvolvi diversas oficinas para o público infanto-juvenil.

Também naquele ano, em parceria com a Secretaria Estadual de Cultura do Rio de Janeiro, realizamos uma caravana de Oficinas Culturais dentro dos espaços das Bibliotecas Parque do Estado do Rio de Janeiro, apresentando um repertório baseado na história de contato do povo Tupinambá com os colonizadores: índios protagonizando a difícil batalha em defesa dos seus territórios originais. Desde a Aldeia Maracanã, apresentei em meu repertório as histórias do povo Tupinambá do recôncavo da Guanabara, do século XVI até o seu final. Na esfera da narrativa dos contos, mitos e lendas, fui construindo o meu repertório de histórias, ao som dos cantos dos Torés dos povos do Nordeste, fui cantando e reencantando a cidade do Rio de Janeiro e Niterói, nas Oficinas de Cantos e Contos Indígenas, em espaços como Museu do Índio (Botafogo), Campo de São Bento (Niterói), Parque Lage (RJ), Museu Janete Costa (Ingá, em Niterói), e recentemente o Museu de Astronomia e Ciências Afins, onde apresentei oficinas de Contação de Histórias Indígenas.

No início do ano de 2017, ingressei no Curso de Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas do Museu Nacional (UFRJ), tendo

como objetivo dar continuidade à minha trajetória no magistério. Tive meu projeto de pesquisa contemplado e passei na seleção oficial e na entrevista, sob coordenação da Professora Marília Lopes da Costa Facó Soares, abordando a temática das Línguas Indígenas que sofreram perdas linguísticas por motivo de contato.

No curso de mestrado oferecido pelo PROFLIND, aprofundi os meus estudos de registrar e documentar esta trajetória de luta e superação do meu povo e das outras etnias existentes aqui no estado do Rio de Janeiro. Quero ajudar a defender e fortalecer a luta de meu povo, que a cada dia se autoafirma indígena, que tem orgulho de dizer que é indígena mesmo com todo o preconceito, e a defender territórios e saberes ameaçados. Através das ferramentas da escrita etnográfica, quero poder registrar e entrelaçar os saberes indígenas com os conceitos já criados pela Antropologia, História e a Sociologia. Quero pensar junto aos diversos autores que se debruçaram sobre esta temática e autores que lutaram ao lado dos povos indígenas brasileiros, como Darcy Ribeiro, e aqueles que, com carinho e respeito, tecem suas linhas na escrita acadêmica, como Dinah de Guimaraens, Mariana Paladino, José Bessa Freire e outros.

Após o contato com a literatura sobre Línguas Indígenas e Educação Escolar Indígena, mais especificamente com o ensino e a aprendizagem do método Bilíngue, neste caso específico, as Escolas Indígenas, fui descobrindo uma linha de pesquisa e de ação pedagógica mais coerente com a realidade dos povos indígenas, tanto do meu povo quanto dos povos Guarani que se encontram no estado do Rio de Janeiro, com o qual vinha desenvolvendo uma relação de contato. No início de 2018, fui convidada a integrar a Gerência de Educação Inclusiva da Secretaria Municipal de Educação do Município de Maricá, onde trabalho na equipe de

coordenação pedagógica das Escolas Indígenas do Município de Maricá, tendo a oportunidade de inserir os conteúdos mínimos obrigatórios da Educação Bilíngue indígena, neste caso trabalhando com as comunidades indígenas Guarani Mbyá.

Sou mãe de dois filhos: Áurea Rosa e Nuno, que nasceram durante a luta em defesa do antigo prédio do Museu do Índio – Aldeia Maracanã.

AGRADECIMENTO

Agradeço aos meus antepassados e à minha família e amigos, em especial aos meus avôs e bisavôs, que permitiram que eu trilhasse um caminho de luz e vitórias, ao som dos cantos de reza e proteção, aos bijus, aos cachimbos e maracás que abriram os caminhos para que eu acreditasse nos meus estudos.